

O significado da maternidade na adolescência para jovens gestantes¹.

The meaning of motherhood in adolescents for young pregnant women.

Ana Cristina Garcia Dias^{*}

Naiana Dapieve Patias^{**}

Pascale Chechi Fiorin^{***}

Marina Zanella Dellatorre^{****}

Resumo: Esse trabalho busca discutir os significados da gestação e maternidade para adolescentes. Para tanto, foram realizadas oito entrevistas com gestantes adolescentes de 15 a 17 anos de idade, que se encontravam no terceiro trimestre de gestação. A entrevista abordou diferentes questões sobre gestação, maternidade e planos de vida das adolescentes. As respostas foram submetidas a uma análise de conteúdo temática. As falas revelaram que a maternidade pode ser almejada, pois a mesma é percebida como uma possibilidade de construir a própria família e sentirem-se valorizadas socialmente. Por outro lado, o fenômeno da maternidade na adolescência não pode ser compreendido de uma única maneira, pois diversos fatores contribuem para a ocorrência do mesmo. Destaca-se que é necessário ir além de interpretações reducionistas e simplificadas que não consideram questões contextuais e históricas na compreensão desse fenômeno complexo.

Palavras chaves: Maternidade. Adolescência. Gestação.

Abstract: This paper aims to discuss the meanings of adolescent pregnancy and motherhood. Eight interviews were conducted with pregnant adolescents aged 15 to 17 years who were in the third trimester of pregnancy. The interviews (addressing various questions about pregnancy, motherhood and life plans of adolescents) were subjected to thematic content analysis. Reports revealed that motherhood can be desired, because it

¹ Este trabalho traz resultados do Projeto de Pesquisa – Representações de maternidade e casamento em jovens adolescentes com experiência e sem experiência de gestação; o mesmo conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul – Processo 1014932.

^{*} Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria/ UFSM. Contato: Rua Floriano Peixoto, 1750, sala 308 – Santa Maria/RS. E-mail: anacristinagarcias@gmail.com

^{**} Mestranda do Programa de Pós-graduação da UFSM. E-mail: naipatias@hotmail.com

^{***} Mestranda do Programa de Pós-graduação da UFSM. E-mail: paca_psi@yahoo.com.br

^{****} Acadêmica do Curso de Psicologia da UFSM - Bolsista PIBIC-FAPERGS - E-mail: marina_mzd@yahoo.com.br

gives adolescent girls the possibility to have their own family and feel socially valued. On the other hand, teenage pregnancy is a singular phenomenon, since it is caused by many different factors. Emphasis is placed on the necessity of considering contextual and historical issues in order to avoid simplistic and reductionist interpretations of the phenomenon.

Keywords: Motherhood. Adolescence. Pregnancy.

Estudos têm mostrado que a maternidade na adolescência pode ser desejada, sendo um projeto para inserção na vida adulta viável e valorizado em um contexto socioeconômico desfavorecido, no qual outros projetos educacionais e profissionais não se encontram assegurados (CARVALHO; MERIGHI; JESUS, 2009; MONTEIRO *et al*, 2007). Em um contexto assim, a gestação pode ser vista como algo “natural” e inseparável da identidade feminina, estando associada ao papel de “ser mulher”. Rangel e Queiroz (2008), em um estudo realizado com adolescentes gestantes e não gestantes de escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro, por exemplo, encontraram que o significado da gestação e da maternidade na adolescência estavam associados ao estrato socioeconômico das participantes. Enquanto para meninas de estratos socioeconômico mais favorecidos da população a gravidez representava a destruição de planos futuros, para as adolescentes dos estratos menos favorecidos ela representava uma benção, e parte do “poder feminino” da mulher.

A vinda de um filho também parece motivar a conjugalidade do jovem casal, representando uma via de ingresso no mundo adulto para os jovens (MATOS; CARNEIRO; JABLONSKI, 2005). Nesse sentido, a gravidez pode, de fato, gerar a constituição de um novo núcleo familiar, associando-se à ideias de maior autonomia emocional do novo casal frente a suas famílias de origem. Contudo, há situações em que a gestação pode gerar maior dependência dos adolescentes em relação ao seu núcleo familiar, especialmente quando dificuldades financeiras se encontram presentes. Os jovens pais assumem a tarefa de criar e sustentar o filho, sem que seus processos de escolarização estejam completados; isso obriga frequentemente à inserção dos adolescentes no mercado trabalho a partir de atividades que não exigem maiores qualificações (e que, por conseguinte, não oferecem boa remuneração) (DIAS; AQUINO, 2006; HOGA, 2008; SIQUEIRA *et al.*, 2002).

A gestação e maternidade adolescente possuem vários significados, podendo variar de pessoa para pessoa, de acordo com os diferentes contextos socioeconômicos e culturais. Em condições de vida de adversidade extrema, como no caso de jovens que vivem na rua, a maternidade pode ser uma forma de “ser alguém na vida”, uma vez que ter um filho traz um novo sentido à existência de meninas que gestam durante o período. A criança, nessa situação, pode fazer com que as adolescentes busquem se reorganizar e realizar novas

escolhas e planos de vida, objetivando oferecer melhores condições de vida ao filho (GONTIJO; MEDEIROS, 2008; PANTOJA, 2003). Contudo, como já indicado, para adolescentes de estratos econômicos mais favorecidos da população pode representar a destruição de projetos de vida futuros (especialmente relativos à escolarização e à profissionalização) (RANGEL; QUEIROZ, 2008).

O presente trabalho tem como objetivo compreender qual o significado de ter um filho durante a adolescência para um grupo de gestantes adolescentes, de camadas populares, residentes na cidade de Santa Maria - RS.

ADOLESCÊNCIA E GESTAÇÃO: DIFERENTES SIGNIFICADOS EM DIFERENTES CONTEXTOS SOCIOHISTÓRICOS

A adolescência é atualmente percebida como uma fase do desenvolvimento, produto de transformações ocorridas em nossa sociedade, decorrentes da modernidade. O adolescente é visto, nos dias atuais, tanto como particularmente sensível às mudanças sociais como gerador dessas transformações. Esse conceito, com todas suas implicações biopsicossociais, políticas e econômicas, foi criado para designar o período do desenvolvimento humano referente à transição da infância para a vida adulta, uma vez que inexistem hoje dispositivos sociais e psicológicos definitivos que demarquem essa passagem do mundo infantil para o mundo adulto (GONÇALVES; KNAUTH, 2006).

Assim, esse momento da vida do indivíduo é considerado como um período de crise, no qual ocorrem várias mudanças tanto biológicas (puberdade) quanto psicossociais, que geram transformações e instabilidade na identidade do indivíduo. Essas mudanças são fruto das transformações corporais ocorridas e das novas demandas psicológicas e sociais realizadas sobre o indivíduo. Segundo Knobel (1981), durante a adolescência o indivíduo deve reformular conceitos sobre si mesmo, procurando estabelecer uma identidade adulta. Para isso ele irá experimentar diferentes papéis e realizar diferentes lutos simbólicos (corpo infantil, bissexualidade, separação dos pais). Em função disso, algumas características psicológicas podem aparecer de maneira mais acentuada no comportamento adolescente, tais como a impulsividade, o imediatismo, a onipotência e as perdas decorrentes dos lutos simbólicos a serem realizados (KNOBEL, 1981; LIMA, *et al.*, 2004).

Assim, nesse momento da vida, é esperado do jovem o desenvolvimento de certas atitudes, que são diferente daquelas adotadas em outras etapas de seu desenvolvimento. Alguns estudos demonstram que há uma expectativa social para que o adolescente “aproveite a vida” e explore o mundo, de maneira importante. Isso significa que há uma maior aceitação de atitudes inconsequentes e mesmo imaturas, sendo a exploração de diferentes experiências

incentivada aos jovens pelos adultos, nos dias atuais (GONÇALVES; KNAUTH, 2006). Percebe-se a presença de discursos sociais que incentivam os adolescentes (e jovens) a desfrutarem de seus corpos, de sua vivacidade, das situações, e dos relacionamentos de forma intensa (HEILBORN *et al.*, 2002).

Porém, essas expectativas sociais nem sempre recaíram sobre os jovens. Ruffino (1993) considera que nas sociedades comunitárias mais antigas havia mecanismos que mediavam a passagem da infância para a vida adulta de uma forma mais tranqüila. Com a modernidade, a ausência de rituais coletivos e de referências sociais comuns, aliadas à distância entre as tarefas exigidas durante a infância e aquelas solicitadas pelo mundo adulto, ocorre a “produção social da adolescência”, como forma de lidar com o apelo corporal e social ainda não simbolizado vivido pelo adolescente, e, de certo modo, pela sociedade (RUFFINO, 1993). Desta forma, a adolescência surge como um tempo (espaço de transição) necessário ao indivíduo, para que ele possa realizar o processo de transformação e adaptação à vida adulta, que antes lhe era possibilitado através de rituais coletivos, em um curto espaço de tempo.

A partir da construção das representações da adolescência como uma fase de vida com peculiaridades, na qual o indivíduo é percebido como um ser incompleto (ou seja ainda em maturação), a gravidez durante esse período da vida foi e ainda é considerada um problema de saúde pública. Contudo, é importante lembrar que até há poucas décadas atrás o fenômeno não era representado dessa maneira. Era comum para as meninas/ mulheres casarem-se e terem filhos precocemente; de fato, esses projetos (casamento/ maternidade) seriam a forma de realização individual e social presentes na vida da mulher (ÀRIES, 1981). A gestação e maternidade adolescente passaram a ser percebidas como problemáticas apenas quando essas passaram a ocorrer fora do casamento e novas representações e demandas relacionadas à adolescência passaram a existir (STEINBERG, 1996).

Atualmente, como vimos, há diferenças na compreensão dessa fase da vida, sendo relevante se debruçar sobre o estudo do(s) significados da gestação durante esse momento do desenvolvimento, já que existem diferentes visões tanto sobre a adolescência como sobre a gestação no período. Como já apontado anteriormente, a gravidez na adolescência é, frequentemente, percebida na literatura biomédica como um problema de saúde pública. Além disso, alguns estudos sugerem e que a gravidez na adolescência pode impedir ou mesmo dificultar algumas tarefas que devem ser resolvidas pelo jovem durante esse período do desenvolvimento humano que, por si só, já é considerado de difícil de vivenciar (LEVANDOWSKI, *et. al*, 2008). No entanto, diferentes áreas de conhecimento (Psicologia, Sociologia, Antropologia, Saúde pública, etc) que abordam o tema, estão encontrando discursos diferenciados a respeito do assunto (DIAS; TEIXEIRA, 2010), especialmente se

esses trabalhos abordam como temas valores, crenças e sentimentos dos indivíduos envolvidos no fenômeno da gravidez na adolescência.

O discurso hegemônico, construído a partir da perspectiva biomédica indica que a gravidez precoce pode trazer problemas para a saúde materno-infantil. Isso ocorreria especialmente em função da imaturidade fisiológica para gestar apresentada pela menina (GODINHO, et al. 2000), além dos riscos psicossociais associados à pouca maturidade psicológica das adolescentes para criar uma criança e às características psicológicas que predisporiam a adolescente a se envolver em comportamentos de risco (não adesão ao pré-natal, uso de substâncias psicoativas, etc) (KOTCHICK et al. 2001). Por exemplo, no estudo realizado por Godinho et al. (2000) foi encontrado que a gestação durante a adolescência podia ser considerada de alto risco devido ao elevado índice de morbidade materno-fetal, maior incidência de anemia, baixo peso ao nascer, prematuridade e baixo índice de *apgar* do bebê associado ao fenômeno. Além disso, os autores lembram que a gravidez precoce traz inúmeras consequências sociais para a vida das jovens mães, sendo que algumas dessas referem-se a perdas de oportunidades educacionais, profissionais, falta de apoio social e financeiro e situações de abandono do companheiro/pai da criança. O período da gestação por si só pode ser um momento muito difícil para mulher, uma vez que é um período de mudanças físicas e psíquicas, pois além das transformações corporais são revisados papéis e relações sociais da gestante com sua família e com a sociedade. Isso, aliado às transformações e conflitos vividos pela adolescente, podem tornar a gestação nesse momento da vida ainda mais complicada (LEVANDOWSKI, et al., 2008).

Destaca-se que a maioria dos estudos sobre a gravidez na adolescência pontuam os aspectos negativos associados ao fenômeno, pois sua ocorrência não é esperada nesse momento do desenvolvimento em função das características já apontadas. Contudo, a gestação durante o período pode ganhar significado positivo quando se insere no projeto de vida das meninas que gestam durante a adolescência. Ela pode promover o amadurecimento emocional e trazer outras consequências consideradas positivas, como retorno à escola, busca de emprego e inserção no mercado de trabalho, deixar de exibir comportamentos de risco como uso de drogas (GONTIJO; MEDEIROS, 2008; HEILBORN et al, 2002; PANTOJA, 2003).

Essa diversidade de experiências relacionada à gravidez na adolescência ocorre pois esse fenômeno é atravessado por questões sócio econômicas, culturais, sociais e históricas. Um estudo realizado por Desser (1993) com adolescentes de diferentes níveis socioeconômicos da cidade do Rio de Janeiro nos mostra as diferenças observadas quanto às expectativas e projetos de vida das adolescentes cariocas em diferentes classes sociais e sua relação com a ocorrência da gestação na adolescência. Para as adolescentes de

classe-média entrevistadas pela autora, o principal modelo de identificação era o de "mulher independente" e profissionalizada. Esse modelo é um projeto a ser alcançado que, nos estratos médios, encontra-se relativamente assegurado, uma vez que os pais fornecem condições necessárias às adolescentes para obtenção da educação formal, o que viabiliza acesso a melhores empregos. Nos estratos sócio econômicos menos favorecidos da população, contudo, esse projeto de vida (emprego valorizado socialmente e independência financeira) não se encontra garantido da mesma forma. As adolescentes desses estratos devem alocar grande parte de suas energias para assegurá-lo em função da situação socioeconômica familiar, ou mesmo da presença de alguns valores relacionados a papéis de gênero tradicionais, nos quais cabe à mulher o cuidado da casa e dos filhos.

Assim, Desser (1993) nos indica o quanto valores familiares e sociais são aspectos importantes a serem considerados na construção do projeto de vida dos adolescentes, que nem sempre são investigados ou abordados em estudos que tratam do fenômeno da gestação na adolescência. Destacamos que esses podem ser diferentes nas diferentes classes sociais, influenciando diretamente na ocorrência ou não de gestação durante o período.

Dadoorian (2003) também demonstra que a gravidez na adolescência nas camadas populares possui forte relação com as atitudes tradicionais do papel da mulher na família, bem como a representação da maternidade nesse contexto. Para essa autora, as representações de feminilidade e maternidade possibilitam a emergência de um forte desejo de engravidar entre jovens, que podem almejar possuir uma família harmoniosa como projeto de vida. Assim, o projeto da maternidade associa-se à construção da identidade adulta, vinculando-se à obtenção fácil da autonomia econômica e emocional em relação aos pais, ao mesmo tempo em que a gravidez certifica a feminilidade (LIMA et al, 2004).

MÉTODO

Foram analisadas 8 entrevistas semi estruturadas com gestantes adolescentes no terceiro trimestre de gestação, com idades de 15 a 17 anos. Essas entrevistas foram realizadas em duas Unidades Básicas de Saúde da cidade de Santa Maria, com jovens de camadas populares, que frequentaram essa unidade durante os meses de abril a agosto de 2010 e aceitaram participar do estudo.

A entrevista investigou questões relacionadas ao significado e às vivências da gestação durante a adolescência. Após a transcrição das entrevistas, elas foram submetidas a uma análise de conteúdo temática. Essa análise busca compreender melhor os discursos, aprofundando suas características e destacando as falas reveladoras do significado da maternidade para as jovens. Essa forma de trabalho é considerada um importante

instrumento de estudo das interações entre os indivíduos, uma vez que trabalha com a reconstrução de representações, através da interpretação de textos (BAUER; GASKELL, 2002).

No que diz respeito aos aspectos éticos, as gestantes foram previamente informadas dos objetivos e procedimentos do estudo, sendo explicitado o caráter voluntário da participação. Após concordarem com a participação foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que continha todas as informações pertinentes ao estudo. Ressalta-se que o presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pantoja (2003) refere que, ao analisarmos a gravidez na adolescência, devemos nos referir, da mesma forma, ao contexto político e social no qual a jovem está inserida, pois nem sempre a gravidez é vista como um problema para os envolvidos no fenômeno. Assim, é preciso compreender os significados pessoais e sociais da gravidez adolescente, já que pode haver uma valorização da gravidez/ maternidade no contexto social, no qual a adolescente está inserida. A gestação pode se associar a uma mudança de *status* da jovem; reafirmando projetos de inserção e mobilidade social. A maternidade, nesse sentido, é percebida como um “passaporte” para a vida adulta, uma vez que significa independência em relação aos pais, reconhecimento social e, muitas vezes, a criação de um novo núcleo familiar.

Segundo Lima et al. (2004), nos estratos sócio econômicos menos favorecidos o desejo de ter um filho aparece mais cedo, pois nesses estratos há uma maior valorização da gravidez e da maternidade do que nos estratos socioeconômicos médios da população. Nos primeiros, esse fenômeno pode contribuir para fortalecer as alianças com o companheiro, com a família de origem e com a própria comunidade. Isso se deve ao fato de que, nessa camada da população, geralmente, há uma maior dificuldade de acesso ao estudo, o que gera, conseqüentemente, dificuldades de inserção a um mercado de trabalho mais qualificado. Assim, os projetos de mobilidade social são percebidos como mais difíceis de serem alcançados pelos jovens, que buscam reproduzir as experiências e trajetórias de vida dos familiares, as quais muitas vezes já foram marcadas por gestações na adolescência (MADEIRA, 1997).

Nesse estudo, observamos que a gestação na adolescência foi planejada pelas entrevistadas, pois elas e os namorados desejavam ter um filho. Assim, talvez a ausência de outros projetos de vida (relacionadas ao estudo e trabalho), em função do difícil acesso ou

da pouca valorização do estudo, pode fazer com que a gestação e a parentalidade adolescente (associadas à criação de um novo núcleo familiar) sejam projetos viáveis de inserção no mundo adulto. Observa-se nos depoimentos dificuldades em relação ao processo de escolarização e a presença do projeto da maternidade e da constituição da família nos planos dessas jovens.

Daí, como eu tava grávida eu preferi ter que trabalhar né, pra comprar minhas coisinhas, porque eu sabia que eu ia rodar. Mas eu ainda quero continuar os meus estudos (Beatriz, 18 anos).

Se eu tivesse pegado recuperação, nem fazia a recuperação porque sabia que eu ia rodar... se o ano inteiro eu estudei e daí eu não passei, fazendo a recuperação, eu não ia passar [...] Eu queria por causa que não adianta ter filho tarde, né? Porque daí a gente não convive direito com a criança. Tanta gente que tem filho tarde e não aproveita o filho, né (Bianca, 15 anos).

Foi bom, eu queria, né, planejado... (Alessandra, 18 anos).

Foi legal. Era por causa que eu tinha parado de tomar remédio, né. Aí passou quatro mês, e aí parou, parou a menstruação, e eu tava. Foi uma alegria pra mim, foi bem bom (Beatriz, 18 anos).

De fato, nas camadas populares há uma valorização cultural da gravidez, pois esta representa prestígio social, uma vez que funciona como uma estratégia de aliança, na qual uma rede de arranjos domésticos e consangüinidade são revisados. A criança produz sentido para a vida dessas jovens, sendo percebida como um objetivo a ser alcançado e não um problema a ser resolvido (LIMA et al. 2004). Por outro lado, percebe-se entre as entrevistadas que a gestação durante a adolescência pode não ter sido conscientemente planejada, estando associada a uma falta de previsão das consequências do exercício da sexualidade ou utilização ineficaz ou não adoção de métodos contraceptivos.

Não foi nada planejado, foi no susto mesmo [...] Bah, não foi muito bom assim, que eu me achava muito nova (Julia, 15 anos).

Ah, foi bem complicado, assim. Eu não tava esperando, sabe... bah, tá loco. [...] Era uma coisa que eu não tinha nem noção, porque... eu tomava pílula, a gente usava camisinha, então não tinha como. Aí do nada começou a atrasar a minha menstruação, eu fui no médico... (Catarina, 17 anos).

Além disso, a representação tradicional de maternidade - “toda mulher tem que ser mãe” – contribui para a ocorrência do fenômeno. Na família moderna, baseada no núcleo marido, esposa e filhos, coube à mulher o destino do privado (mulher dona-de-casa) e, conseqüentemente, a maternidade. A partir de então, passou-se a valorizar os cuidados, a preservação da criança, ampliando as responsabilidades maternas. Dessa forma, as mulheres foram elevadas em seu *status* social (ARIÈS, 1981; BADINTER, 1985). Ainda

hoje, apesar das novas configurações familiares que apresentam diferentes possibilidades de composição, como, por exemplo, o de casais sem filhos, o termo família ainda se encontra associado à situação de parentalidade, sendo a maternidade considerada o destino natural de toda mulher, o caminho da plenitude e a realização da feminilidade (MEYER, 1994). Essas concepções parecem ser compartilhadas por algumas adolescentes.

Acho que toda mulher quer, tem um sonho de ter filhos” (Alessandra, 18 anos).

A gestação associa-se à idéia de constituição do núcleo familiar, uma vez que pode possibilitar o casamento ou mesmo uma união estável (“morar junto”). Assim, a jovem passa a ser mãe e esposa, pertencendo a um novo agrupamento familiar que lhe confere *status* social devido às representações tradicionais de família ainda presentes na sociedade (RANGEL, QUEIROZ, 2008; PANTOJA, 2003). Essas representações sobre família e maternidade, provavelmente, estão associadas com o fato de adolescentes, principalmente nas camadas populares, desejarem gestar precocemente. Ser mãe pode ser um projeto de vida consagrado, em função das representações sociais da maternidade, que levam à obtenção de reconhecimento e valorização social. Essas jovens podem perceber que a ascensão social através de estudo e trabalho não estão garantidas, em função de questões contextuais (DADOORIAN, 2003).

O depoimento a seguir parece referendar essa interpretação. Antes da gravidez a entrevistada relata possuir uma vida de adolescente “comum”. Estava envolvida com amizades, namoro e festas. O estudo não se apresentava como uma prioridade, sendo que na verdade a jovem já indicava apresentar problemas de escolarização.

Ah, não sei, nós saía, nós tava sempre, eu e ela, tava sempre junto, a gente conversava, a gente se mata rindo, né? Eu posava na casa dela, comia, a gente saía [...] antes eu saía mais, não tinha preocupação com nada, com isso e aquilo [...] ir pro colégio, namorar (risos), dava umas fugidinha de vez em quando. Eu era loca. [...] Reprovei dois ano. Esse ano e na sexta série. Eu podia tá no primeiro [...] Eu matava aula, não era seguido, mas uns dias sim uns dias não (Julia, 15 anos).

Nesse caso estudado, a gravidez aconteceu sem o planejamento do casal, em função da ausência de prevenção. Nenhum dos jovens se responsabilizou pelo uso do método contraceptivo, contudo percebe-se que a menina acaba se responsabilizando pela ocorrência da gestação e sentindo-se culpada. Em nenhum momento é levantada a participação ou mesmo responsabilização masculina pelos comportamentos contraceptivos. Percebe-se importante atravessamento de questões de gênero na ocorrência da gestação e valorização da maternidade. Essas questões determinam diferenças de papéis entre

homens e mulheres, enfatizando a permanência da mulher na esfera privada, tendo esta uma maior responsabilidade sobre as funções de cuidado e organização familiar, incluindo aí o uso dos métodos contraceptivos para planejamento familiar (HEILBORN *et al.*, 2002; PANTOJA, 2003).

Guerreiro e Abrantes (2005) consideram que a gravidez na adolescência pode ser tanto interpretada como acidental ou como uma estratégia das jovens para efetivação da transição para a vida adulta. De uma forma ou de outra, ela torna-se a mola precursora das transformações familiares, que ocorrerão em função da necessidade de lidar com a criança que está chegando. Observa-se a conjugação de esforços para que um novo núcleo familiar seja criado. Dessa forma, o casamento precoce parece estar associado, nas classes menos favorecidas da população, à gestação na adolescência. A menina deixa de depender dos pais passando a depender do marido/ companheiro, que deve buscar assegurar sustento para os membros desse novo núcleo familiar. Esses autores observam que o fenômeno se encontra fortemente ligado à questão de gênero.

Eu tava me sentindo meio pra baixo, porque eu podia ter me cuidado. Mas agora tem que vim, fazer o que [...] Me sentia, me sentia arrependida de não ter me cuidado...eu não queria (Júlia, 15 anos).

Ao mesmo tempo em que a jovem gestante refere não ter planejado a gestação, a mesma indica que a gestação e a maternidade são usuais em mulheres que desejam formar uma família, ou seja, que querem morar junto com o namorado. Nesse sentido, a gestação pode efetivamente gerar a união desses jovens. Além disso, a gestação e a maternidade parecem associar-se as noções de crescimento, individualização e responsabilidade.

Sim, mas não sei se eu [...] se não tivesse grávida. Acho que eu tava continuando morando com a mãe eu acho [...] se sente mais mãe... vou ter que ter mais responsabilidade, né. Responsabilidade, fazer as coisas na hora certa e coisa. É isso que eu penso agora. E mais depois que ganhar, mais responsabilidade ainda (Júlia, 15 anos).

Na fala abaixo se percebe a reprodução dos papéis tradicionais presentes na família tradicional, sendo que os papéis de gênero bem delimitados encontram-se nas falas das jovens. O trabalho e o sustento da família ficam ao encargo do homem, enquanto o cuidado da casa e do bebê ficam sob a responsabilidade da menina (ARIÉS, 1981; BADINTER, 1985). Nesse sentido, considera-se que a gestação associa-se a um planejamento e significa a aquisição da autonomia e do *status* adulto, conforme indicado através do depoimento:

Fazia tempo que a gente tava conversando já sobre isso, não decidimos duma hora pra outra [...]. fazia tempo que a gente tava planejando, que já faz dois anos que a gente tá junto, é normal[...].eu quero o canto da gente. Mas ele tá construindo já, no terreno ali embaixo [...] Fico em casa, faço as coisas de casa e descanso o resto da tarde [...] (Bianca, 15 anos).

As adolescentes concentram suas atividades, mesmo antes da gravidez, em afazeres domésticos, embora possa ser identificado, em algumas de suas falas, o reconhecimento do valor do estudo. Contudo, também é possível ver que o cuidado com os irmãos mais novos parece influenciar na maneira como as jovens significam o ser mãe. Este pode ser visto como um “ensaio” para a maternidade, e apresenta valor dentro do contexto familiar (MADEIRA, 1997). Apesar do reconhecimento da importância dos estudos, isso não implica em dedicação a estes, pois muitas vezes a possibilidade de ascensão a partir dos estudos não é um projeto viável e nem valorizado:

É que eu tinha preguiça de ir no colégio ... eu ficava dormindo na hora de ir na aula (Bela, 15 anos).

Eu já tinha... eu cuidava assim praticamente a minha sobrinha como minha filha, porque a mãe dela é meio desparafusadinha da cabeça, né (Catarina, 17 anos).

Assim, constituir uma família, casar ou ir morar junto parecem fazer parte dos planos de futuro dessas jovens, associados à ideia de ser mãe (GODINHO *et al.*, 2000; PANTOJA, 2003). Esse projeto futuro parece viável e possível, além disso, confere status social a essas jovens e possibilita o início de uma nova família.

Eu primeiro eu comecei a namorar, depois me 'ajuntei' (risos), nós casamos, mas eu e ele queria um filho (Mel, 16 anos).

A gravidez nessa situação pode estar associada às noções de crescimento, responsabilidade e constituição da família. Como uma forma de criar independência em relação aos pais e constituir uma família (ARIÉS, 1981; BADINTER, 1985).

Ah, por causa que agora eu vou ter que ser bem mais responsável [...] (Isa, 17anos)

Por outro lado, a gravidez também pode significar uma maneira de sair da casa dos pais, fugindo de um contexto adverso, no qual estão presentes fatores de risco tais como violência doméstica, alcoolismo dos pais, drogadição dos irmãos, etc.

... fica enlouquecido. Daí quebra tudo, dá soco na gente. Por isso que eu não vou lá muito, porque eu tô grávida né, se ele me bate a criança também vai apanhar (Isa, 17 anos- falando sobre o irmão que morava com ela).

No entanto, observou-se que antes de engravidar algumas das adolescentes tinham outros sonhos como, por exemplo, trabalhar, ter uma profissão, não sendo a maternidade ou casamento uma primeira escolha, em termos de projeto futuro.

Os meus planos eram de ser uma médica... (Mel, 16 anos).

Eu sempre quis fazer enfermagem (Alessandra, 18 anos).

Apesar disso, as jovens entrevistadas não demonstram arrependimento pela escolha da vivência da maternidade, demonstrando inclusive satisfação com a gravidez, mesmo que essa gere renúncias (GUERREIRO; ABRANTES, 2005).

... porque eu realmente não queria né, mas aí depois que eu descobri que tava grávida aí eu fiz de tudo pra não perder... eu gostei (Bela, 15 anos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode reduzir o fenômeno da gestação na adolescência a um único modelo de compreensão, pois o mesmo é um fenômeno complexo, no qual múltiplos fatores se encontram envolvidos. Além disso, diferentes significados parecem ser construídos ao longo das vivências do próprio fenômeno.

As adolescentes entrevistadas demonstram através das falas que a gravidez e a maternidade possuem diversos significados. Dentre os encontrados destacamos a possibilidade de crescimento, amadurecimento e melhoria de vida. Nesse sentido, enxergam a gravidez e a maternidade como algo positivo, que confere um novo significado para suas vidas, e não apenas como um problema de saúde, como tradicionalmente é visto pela área biomédica.

Percebe-se que antes da gravidez os projetos de vida das jovens envolviam estudar e trabalhar. Porém, não se observa uma relação causal do tipo “vou estudar para trabalhar em tal coisa”. Sua realidade é complexa e multideterminada. Parece que estudar não é algo prazeroso, inclusive estando associado a situações de fracasso escolar; além disso, não é algo assegurado pela família. Por outro lado, seu cotidiano envolve atividades de cuidados com os irmãos e a casa, parecendo não haver investimento em outras atividades além destas. Assim, o projeto da maternidade se torna algo naturalizado para as mesmas.

Conclui-se que vários fatores geram maior vulnerabilidade dessas jovens à gestação nesse período de vida. A gestação e a maternidade não são percebidas como negativas nesse período. Contudo, não se pode assumir uma explicação simples na qual a gestação é simplesmente desejada. Nas entrevistas, foi possível constatar que algumas jovens eram incapazes de prever riscos e consequências de certos comportamentos adotados. Elas também estavam buscando obter respostas para as questões: “quem sou eu?”, “qual o meu lugar neste mundo?”, “o que farei no futuro?”. Nesse processo podem ocorrer conflitos e tensões entre a jovem e seu ambiente familiar, o que pode apressar o desejo de sair de casa e formar uma família.

Aliado a essas questões pode-se observar que as jovens estudadas não tinham acesso ou garantia de desenvolvimento de outros projetos de vida socialmente valorizados, além da maternidade e casamento, em função das dificuldades que enfrentam no contexto escolar. Não havia um incentivo por parte dos pais, nem dos professores e da escola para que essas jovens investissem no estudo. Percebeu-se que as mesmas acabavam mais envolvidas nas atividades da casa, para ajudarem as mães que trabalhavam fora. Desta forma, as jovens não conseguiam se dedicar aos estudos, apesar de conferirem valor a ele.

Em relação ao planejamento da gestação, algumas jovens revelaram ter planejado junto com o namorado, pois almejavam ser mãe. Mesmo entre as que referiram não terem planejado, verificou-se o desejo de morar junto com o companheiro. Este fator pode contribuir subjetivamente para a ocorrência da maternidade, uma vez que essa facilita a formação de novas alianças no contexto socioeconômico onde essas adolescentes vivem. Pode-se ver que independente do fator que leva a jovem a vivenciar a maternidade, todas acabam dando um significado positivo à gestação, adaptando-se a ela. Demonstram isso através da busca em reconstruir sua vida, principalmente desejando uma família para ela e o bebê, apesar de nem todas conseguirem realizar seu desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2^o ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CARVALHO, Geraldo; MERIGHI, Miriam; JESUS, Maria Cristina. Recorrência da parentalidade na adolescência na perspectiva dos sujeitos envolvidos. **Texto e Contexto Enfermagem**, v.18, n.1, p. 17-24, 2009.

DADOORIAN, Diana. Gravidez na adolescência: um novo olhar. **Psicologia ciência e profissão**, Brasília, v.23, n.1, p. 84-91, 2003.

DESSER, Nanette Avila. **Adolescência, sexualidade e culpa: Um estudo sobre a gravidez precoce nas adolescentes brasileiras**. Brasília: Edunb, 1993.

DIAS, Ana Cristina; TEIXEIRA, Marco Antônio. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paidéia**, v. 20, nº 45, p. 123-131, 2010.

DIAS, Acácia; AQUINO, Estela. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22, n.7, p. 1447-1458, 2006.

GODINHO, Roseli; SCHELP, Joselaine; PARADA, Cristina; BERTONCELLO, Neide. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 25-32, 2000.

GONÇALVES, Helen; KNAUTH, Daniele. Aproveitar a vida, juventude e gravidez. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v.8, n. 2, p. 625-643, 2006.

GONTIJO, Daniela; MEDEIROS, Marcelo. "Tava morta e revivi": significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. **Cadernos de Saúde Pública**, 24(2), 469-472, 2008.

GUERREIRO, Maria; ABRANTES, Pedro. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. **Revista brasileira de ciências sociais**. v.20, n.58, p.157-212, 2005.

HEILBORN, Maria Luisa et al. Aproximações sócio-antropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, Ano 8, n.17, p. 13-45, 2002.

HOGA, Luiza. Maternidade na adolescência em uma comunidade de baixa renda: experiências reveladas pela história oral. **Rev. Latino-americana de Enfermagem**, v.16, n.2, p. 280-286, 2008.

KNOBEL, MAURÍCIO. A síndrome da adolescência normal. IN: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1981.

KOTCHICK, Beth; SHAFFER, Anne; FOREHAND, Rex; MILLER, Kim. Adolescent sexual risk-behavior: a multi-system perspective. **Clinical Psychology Review**, v.21, nº 4, p. 493-519, 2001.

LEVANDOWSKI, Daniela.; PICCININI, Cesar.; LOPES, Rita. Maternidade Adolescente. **Estudos de Psicologia**, Campinas. v.25, n.2, p. 251-263, 2008.

LIMA, Célia. et al. Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. **Revista Brasileira de saúde materno-infantil**. Recife, v.4, n.1, p. 71-83, 2004.

MADEIRA, Felícia. **Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil**. Rio de Janeiro: Record /Rosa dos tempos. 1997. 406 p.

MATOS, Mariana; CARNEIRO, Terezinha.; JABLONSKI, Bernardo. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Interação em Psicologia**, Curitiba, vol. 9, n.1. p. 21-33, 2005.

MONTEIRO, Claudete et al. A violência intra-familiar contra adolescentes grávidas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, nº 4, p. 373-376, 2007.

MEYER, Dagmar. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. In: **Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física**. Porto Alegre: A/Z Movimento. V. 1, n.1, p. 33 – 58. Set, 1994.

PANTOJA, Ana Lúcia “Ser alguém na vida”: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. **Cadernos Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 335-343, 2003.

RANGEL, Débora; QUEIROZ, Ana Beatriz. A representação social das adolescentes sobre a gravidez nessa etapa da vida. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. v.12, n.4, p. 780-788, 2008.

RUFFINO, Rodolpho. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. Em: RAPPAPORT, Clara Regina. (org.) **Adolescência: Abordagem Psicanalítica**. São Paulo: E.P.U. 1993, p. 25-58.

SIQUEIRA, Maria Juracy et al. Profissionais e usuárias (os) de atendimento pré-natal da região da grande Florianópolis: onde está o pai? **Estudos de Psicologia**. v.7, n.1, p. 65-72, 2002.

Recebido em *julho* de 2011
Aprovado em *setembro* de 2011